

COMETER OU NÃO O “SINCERICÍDIO” – EIS A QUESTÃO!

Antonio Pedreira & Sonia Nogueira.

*Psicoterapeutas de casal, de grupo e individual de Orientação humanista
enfocados na Análise Transacional*

Muitas vezes na prática da psicoterapia, o terapeuta se defronta com uma situação bastante complexa, quando o cliente se depara com o impasse: contar ou não contar um deslize cometido. Uma destas condições surge depois de ter se envolvido em uma inesperada aventura extraconjugal, quando bate o arrependimento e advém o desejo de confessar o pecado ao cônjuge. A esperança é de aliviar o drama de consciência que tanto lhe tortura, e talvez assim se sentir liberado do **diálogo interno** maldito de auto-acusação que não lhe dá trégua, tirando-lhe o sono, a paz interior e o sossego pessoal.

É obvio que confessar a verdade, só e apenas a verdade, parece ser a alternativa politicamente correta. Todavia, conselheiros matrimoniais, psicólogos e psiquiatras acham melhor que não contem, nem esmiúcem os detalhes – caso decidam relatar o ocorrido – e que busquem por ajuda psicoterápica especializada. Por isso, não podemos deixar de ponderar acerca das conseqüências para o autor, e dos efeitos danosos para a vítima do mencionado deslize.

De fato, o autor do deslize – na maioria das vezes – está sofrendo as agruras de um intenso e/ou extenso sentimento de culpa, que pretende exorcizar através da sincera confissão da sua falta. Não raro o autor pouco se interessa em avaliar quão devastador será o impacto da sua revelação sobre o parceiro, preocupado que se encontra apenas em obter alívio do seu próprio mal estar. Ao melhor, pode receber o perdão e até ser elogiado pela honestidade, e não mais havendo recaídas, servir de exemplo de amor e ajustamento. A relação pode, inclusive, ser revitalizada. Ao pior, se o agente da infidelidade continua a ter casos, e a contá-los ao parceiro (ou à parceira), na certeza de que será desculpado e tudo continuará no mesmo – colocando-lhe na posição de cúmplice – além de conseguir resolver o sentimento de culpa, estará oficializando as traições, sem se importar em arrasar a auto-estima da vítima.

Em termos de **Análise Transacional**, este mecanismo de transmissão de um certo mal estar para outra pessoa foi descrito por Fanita English com o nome de *EPISCRIP*T, que consiste em tentar repassar para alguém o peso ou a carga de seu problema. Um exemplo ilustrativo disso é o caso pitoresco daquele indivíduo que não consegue dormir – por causa de uma dívida que terá de pagar no dia seguinte, mas

não tem o dinheiro – e tira o sono da esposa para compartilhar o seu drama. Diante do encorajamento dela, ele não hesita em ligar para o credor, em plena madrugada, informando-lhe que, infelizmente, não poderá pagar-lhe, como prometera. Desliga o telefone e dorme. Agora é o credor que não consegue mais dormir. Age como alguém faria caso estivesse com uma batata quente demais nas mãos, não suportando o calor excessivo, buscando livrar-se desta passando “a batata” para uma outra pessoa. Por isso, coloquialmente, o Episcript é também denominado: passar a “*Batata-Quente*”. Pelo exposto, fica subentendido que, se este *Script* é transferido a outrem, funciona como uma “liberdade” temporária para o transmissor, que assim busca se liberar das conseqüências deletérias do seu problema. O agente da mencionada ação “*passa a batata quente*”, imbuído da crença mágica de que “***se a maldição for repassada, o transmissor não precisará sofrer seu mal***”.

Por outro lado, no caso da traição, o receptor desta mensagem está fadado ao sofrimento, em função da dor de ter sido traído, acrescido do impacto da desagradável surpresa da inesperada revelação que representa um significativo abalo em sua confiança na continuidade do próprio vínculo afetivo.

Ainda pode ser visto uma situação onde a vítima inicia um diálogo interno buscando ver qual a sua participação nesta situação, o que fez ou deixou de fazer – supostamente – que levou o outro ao envolvimento extraconjugal, estas pessoas são mais tendentes a diálogos internos de auto-acusação, contudo há outras que entram num diálogo de autopiedade – estas são mais tendentes a ficar chorando, mais depressivas, com auto-estima rebaixada, sentindo-se “coitadinhas”, fomentando um processo de vitimização que lhe é muito conhecido, não raro com um pensamento constante “onde foi que eu errei?”. A dor pode assumir proporções incomensuravelmente grandes, levando a vítima a descreer, em tudo e em todos, inclusive perder a confiabilidade no ser humano. Logo se instala um estado de LUTO que poderá se converter em uma reação depressiva, de intensidade variável de pessoa para pessoa.

Por isto, cunhamos o termo ***SINCERICÍDIO*** para traduzir esta compulsão de fazer esta confissão, cujas conseqüências podem ser imprevisíveis para a saúde mental da vítima. Assim, diante da dúvida: “contar ou não contar?”, valem as seguintes ponderações:

1. O que será mais sensato para a saúde mental do receptor – conhecer a dura verdade ou ignorá-la?
2. Será que, se ao invés de contar sinceramente esta danosa falta, não seria mais conveniente para ambos, o autor arrependido do seu ato, usar a energia desta emoção para

firmar um propósito de jamais recair ou recidivar neste deslize?

3. Ciente de que o ser humano é o ser da falta, das carências e da incompletude, o autor do deslize poderá se precaver para não mais cometer qualquer atentado à saúde do relacionamento, infelicitando-se e infelicitando ao ente querido. Não será melhor do que esta atitude de cruel sinceridade?

Entre os efeitos ruins que costumamos observar deste excesso de sinceridade, podemos enumerar:

- Exacerbação da curiosidade sobre a pessoa rival;
- Ciúmes que vão de natural ao patológico;
- Brigas freqüentes acompanhadas por ameaça de retaliação;
- Sentimento de hostilidade manifestada por chantagens diversas ao infiel, tanto no plano pessoal como profissional;
- Desejo crescente de cometer também infidelidade para se sentir quites;
- Desmoronamento da relação a curto ou longo prazo, através separação litigiosa, e passando por ameaça de suicídio e/ou homicídio.

De resto, fica a pergunta que não quer calar: diante o risco de matar o próprio relacionamento, será válido este **SINCERICÍDIO?**